PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS! Cr$ 0,50

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 41 Maio de 1970 Ano VI

CINISMO E AFRONTA

Após sujas manobras, negaças e silêncio diante da campanha contra as torturas dos presos políticos que se avoluma no país e no exterior, a Secretaria de Imprensa da Presidência da República veio a público com uma Nota cínica e afrontosa.

Nega a ditadura, categòricamente, a prática das torturas dos presos políticos. Não admite sequer a existência dessa categoria de prisioneiros no país. Atribui a campanha e o noticiário a respeito a uma intriga internacional. Afirma que "a tentativa de eliminação de silvícolas e as torturas de presos políticos são avessos à índole de nosso povo". (...) "No Brasil, ninguém perde a liberdade simplesmente por divergir da orientação democrática defendida pelo Govêrno. Há, porém, terroristas, detidos enquanto respondem a processo regular pelos crimes que praticaram". Numa palavra, são "delinquentes". "Nenhum dêles apresentou sinais de violência e tortura". A Nota conclui convidando "pessoas insuspeitas, inclusive jornalistas estrangeiros desvinculados do movimento de subversão internacional" a corroborarem êsse desmentido, a verificarem o tratamento dado a todos os que vivem em terras brasileiras.

Como se vê, a Nota, em poucas linhas, revela bem o caráter da ditadura que se abateu sôbre o povo brasileiro, desde abril de 1964. É a combinação do banditismo com a desfaçatez, da arrogância com a covardia, da mentira com o terror, da hipocrisia com os propósitos e métodos fascistas. Jamais qualquer dos governos dos latifundiários e burgueses teve descaramento igual, ao afrontar a opinião pública do país e do estrangeiro. O regime dos generais reacionários ultrapassou a todos.

A ditadura militar sabe que ninguém poderá, em sã consciência, acreditar no que ela diz. Os fatos são de tal forma gritantes e as provas tão convincentes que teve de recorrer à fraude e ao insulto. Ainda há corpos quentes dos assassinados nas câmaras de morte dos quartéis. Um dêles é o do jovem Olavo Hansen, que a polícia de São Paulo só entregou a seus parentes dia 9 de maio último, mesmo assim com o caixão lacrado. Em breve período, a soma macabra dos patriotas fuzilados e mortos por torturas sobe a mais de 3o. O número de seviciados não tem conta. São milhares os presos e condenados. Porventura, podem ser considerados terroristas ou delinquentes comuns? Será terrorista o escritor Caio Prado Júnior, sentenciado a quatro anos e meio de prisão pelo simples crime de opinião? Onde o direito de divergir, de que fala o govêrno Médici?

Ao escarnecer tão acintosamente dos sentimentos democráticos de nossa gente e de outros povos, a ditadura teve porém que desavir-se com círculos importantes das próprias classes dominantes. Em que situação, por exemplo, ficará o senador Mem de Sá, antigo ministro da Justiça da ditadura? Em resposta à denúncia do senador dos EE.UU., Ted Kennedy, Mem de Sá admitiu as torturas e, à guiza de consôlo, declarou: "Não é privilégio do Brasil o mau tratamento, a brutalidade e a violência da polícia contra os presos". Em que posição ficam, também, altas figuras da Igreja Católica que comprovaram o uso de métodos de torturas contra membros do próprio clero e inúmeros outros

Neste número -

cidadãos nos cárceres do país? Ou ainda, como se encontrarão agora certos juizes militares e membros de auditorias, que não só ouvem e julgam milhares de processos políticos, como igualmente chegam, algumas vêzes, a reclamar tratamento mais humano para os prisioneiros?

E como prova do ditado popular de que é mais fácil pegar um mentiroso do que um côxo, quando o govêrno Médici recebeu o pedido da Chancelaria da Suíça para visitar o preso Jean Marc van der Weig, essa figura grotesca de rábula e integralista, que é o ministro Buzaid, declarou não permitir a visita por considerá-la uma intromissão nos assuntos internos do país.

Em face das crescentes denúncias sôbre as torturas, a ditadura militar encontra-se acuada. É obrigada a desmascarar-se ainda mais. Mas a Nota demonstra que os generais, ao invés de confessar seus crimes, pretendem, ao contrário, continuar a praticá-los com maior ferocidade. Por isso, não se trata só de cinismo. A Nota procura justificar e dar legitimidade aos atos de violência e de terror que vêm empregando, indiscriminadamente, contra os patriotas e democratas. Visa impedir, mesmo pela eliminação física, que se levante qualquer resistência popular à sua traição e a seus desmandos. Expõe a aplicação da doutrina e da tática que os generais tentam impor desde abril de 1964. Esta doutrina e esta tática foram esclarecidas pelo general Meira Matos, um dos corifeus da Sorbonne, quando disse que a ditadura não considera os chamados terroristas como presos políticos. E, a 20 de abril próximo passado, o jornal oficioso "O Globo", em correspondência de Washington, informou que o Brasil teria proposto para estudo da Comissão Interamericana de Direitos Humanos, órgão auxiliar da OEA, a anulação dos direitos das pessoas implicadas em atos de "terrorismo político", a saber, o direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Através da Nota, a ditadura não fêz mais do que reafirmar sua concepção, seu programa e sua política, que correspondem ao velho lema dos latifundiários brasileiros: aos amigos, tudo; aos inimigos, a lei.

Ficou evidente, porém, o quanto tem sido útil, oportuna e eficaz a campanha que está sendo promovida pelas fôrças democráticas aqui e no mundo inteiro para desmascarar as torturas e para libertar os presos políticos. E como tem sido valiosa a contribuição da solidariedade internacional.

Graças a essas vozes corajosas, o povo brasileiro ganha mais confiança para prosseguir em sua luta pela liberdade e a democracia. Aos verdadeiros patriotas, às correntes de oposição, impõe-se cada dia com maior fôrça a necessidade de levantar-se e unir-se para varrer o regime de bandidos e torturadores que infelicita o Brasil e massacra, persegue e prende seus melhores filhos.

ESTUDANTES REALIZAM ENCONTRO

O recente Encontro Nacional dos Estudantes de Medicina, realizado em S. Paulo, com a participação de mais de 100 representantes de escolas médicas de vários Estados, constitui interessante experiência. Seu êxito demonstra o grau de amadurecimento do movimento estudantil. Desenvolvem-se novas e adequadas formas de luta, fator importante para o ascenso do movimento de massas, assim como são lançadas novas palavras-de-ordem que servem para mobilizar os estudantes.

O encontro se realizou legalmente. Sua agenda continha temas relacionados com a medicina. Importantes teses foram apresentadas, produtivos debates foram travados. Estudantes e professôres denunciaram as precárias condições de saúde do povo brasileiro, particularmente das massas camponesas, bem como a crise do ensino médico e a situação da indústria farmacêutica, quase totalmente monopolizada pelo capital estrangeiro.

No que se refere às liberdades, os estudantes reunidos reivindicaram o direito de se organizarem livremente e reafirmaram o apoio à UNE.

Diante de tais posições, os representantes do govêrno que lá estiveram se encontraram em grandes dificuldades. Procuraram, é certo, defender a ditadura. Mas, diante da firmeza dos estudantes e professores, cairam na defensiva, passaram a explicar-se, enquanto subia o tom das denúncias e crescia o número de vozes de protesto contra a atual situação do país.

O Encontro foi um grande êxito. Teve grande repercussão no seio da massa estudantil, que vem agora debatendo os resultados do conclave. Foi justo e correto utilizar as possibilidades legais para denunciar a situação do país, do ensino e dos estudantes. A experiência do Encontro revela que é ne

Panorama Internacional

Beco sem Saída

A iniciativa do govêrno de Nixon de invadir o Camboja foi consequência e estava na lógica do golpe militar direitista que derrubou Norodom Sihanuk. As justificativas foram, como sempre, as mais cínicas e não conseguem enganar muita gente. Apenas os simpatizantes mais crédulos dos Estados Unidos ou os lacaios mais desavergonhados dos monopolistas ianques estão sendo capazes de aplaudir a medida infame e cheia de graves riscos para a Humanidade. Nixon e seus assessores estão fazendo malabarismos verbais para "provar" que a invasão do Camboja significa um simples "contra-ataque" ou uma pequena operação de polícia contra um suposto quartel-general dos guerrilheiros vietcongs ou do exército do Vietname do Norte situado no interior do Camboja. Tentam convencer que se trata de uma rápida ação punitiva ou um simples passeio militar a terminar em fins de junho. A questão é muito séria. Na realidade, é a execução do antigo e sinistro plano imperialista norte-americano de ampliar a guerra no Sudeste Asiático e agredir a China Popular, a fim de poder dominar a Ásia e o mundo.

Mesmo para os mais leigos em assuntos militares, fica patente que a ofensiva destinada a destruir o pseudo santuário vietcong no Camboja é uma manobra mentirosa e que, além disto, está fadada ao malôgro. Antes de tudo, porque os imperialistas ianques querem apenas um pretêxto para estender a guerra de agressão que há mais de seis anos realizam contra o povo vietnamita e, desde algum tempo, contra o laociano. No Vietname, êles também marcaram prazos para sair... e não puderam. Lá estão atolados, literalmente. E, depois, porque os soldados norte-americanos jamais poderão quebrar a resistência das fôrças patrióticas cambojanas, dispostas, como as vietnamitas e laocianas, a defender suas terras e a transformá-las em túmulo dos invasores.

A propaganda imperialista alardeia que está alcançando seus objetivos militares em companhia de seus "aliados". Mas todos podem ver que a cada dia essas "vitórias" se convertem em derrotas. Quanto aos aliados efetivos dos EUA, não passam de mercenários recrutados no Vietname do Sul e em alguns outros lugares. A Tailândia, o Japão, as Filipinas, a Indonésia, a Austrália, a Nova Zelândia e demais países cujos governantes estão associados aos imperialistas ianques no plano de guerra e repressão aos povos da Ásia, embora apoiem os invasores ainda não enviaram suas tropas para combater no Camboja.

De qualquer ângulo que se examine a posição do govêrno Nixon em face da sua escalada de guerra no Sudeste Asiático, constata-se que ela nunca foi tão precária. Os imperialistas ianques vão se metendo cada vez mais num beco sem saída. Seus planos e cálculos estão sofrendo um transtôrno completo. Não só toma impulso o repúdio dos povos à agressão ianque como adquire nova altura a oposição popular dentro dos próprios Estados Unidos. Em primeiro lugar, o povo cambojano está enfrentando valentemente a invasão norte-americana. Já organizou seu exército popular e acaba de constituir, no exílio, um govêrno de coalisão, à cuja frente se colocou o príncipe Sihanuk. A reunião dos representantes dos povos vietnamita , laociano e cambojano que decidiu conjugar a ação comum contra a agressão ianque, constituiu importante acontecimento. De enorme significado e eficácia foi a pronta solidariedade do povo chinês, liderado por Mao Tsetung, ao apoiar a atitude das fôrças patrióticas do Camboja, romper relações com a camarilha de Lon Nol e declarar-se disposto a sustentar, por todos os meios, a luta libertadora do povo cambojano. Por sua vez, ganha amplitude o movimento de protesto dos povos, exigindo a retirada das tropas norte-americanas do Camboja e de tôda a Indochina. E o que é ainda mais significativo: nunca foram tão vastas e intensas as manifestações populares dentro dos Estados Unidos contra a política agressiva de Nixon. Sobretudo os estudantes estão ajudando a revelar a catadura sanguinária dos governantes de Washington e contribuindo para unir as fôrças que em tôda parte se levantam para combater a agressão. Só a fraqueza e o desespêro explicam porque a polícia ianque esteja reprimindo tão selvagemente os protestos dos jovens. Mas o generoso sangue dos quatro universitários de Kent não correu em vão.

Dêste modo, a pretendida vietnamização da guerra ou a sonhada divisão dos povos, acalentadas pelos imperialistas norte-americanos a fim de poder impor seu domínio no mundo, estão se transformando em seu reverso. Cresce a resistência e se fortalece a unidade dos que lutam pela total liquidação do imperialismo ianque - o mais feroz inimigo da Humanidade progressista. Cabe

Flagelos no Nordeste

A sêca está flagelando, mais uma vez, os camponeses nordestinos e causando prejuizos à economia de diversos Estados da região. Os governantes procuram desmentir as proporções do flagelo. O ministro do Interior, sorridente, afirmou que há sêca apenas no Piauí; nos demais Estados existe uma simples "estiagem". Insinuou ainda que os que reclamam medidas contra a sêca são aproveitadores dessa calamidade periódica.

Dados irrefutáveis provam, porém, que mais de 50 mil camponeses vagam pelos sertões, fugindo da sêca e em busca de trabalho e comida. Os açudes, construidos com dinheiro do povo e localizados nas terras dos latifundiários, não resolveram o problema nem servem à massa camponesa. As providências do govêrno têm muito mais caráter repressivo, como é tradição, do que de auxílio efetivo. No Ceará, por exemplo, quando atendeu comissão de mais de 100 prefeitos que exigiam medidas, o governador declarou despudoradamente: "Podem pedir as tropas que quizerem". E quando soube que mais de 500 camponeses ocuparam a feira municipal de Acopiara e se apoderaram de frutas e cereais, tomou "providências": enviou forte contingente policial para "garantir a segurança da cidade".

A situação é de tal gravidade que o professor Edgard Chastinel, da Faculdade de Agronomia do São Francisco, na Bahia, afirmou: "Gente comendo frutas pôdres - esta a nova paisagem das feiras". O jornal "O Estado de S. Paulo" dizia recentemente que os camponeses nordestinos comiam ratos e se achavam descontentes porque o govêrno cogitava de realizar uma campanha pela extinção de sua única fonte de alimentação. E é considerável o número de famílias camponesas que se alimentam de raízes e folhas.

À medida que a fome se alastra, também se multiplicam os assaltos dos camponeses em busca de alimentos. Notícias da Paraíba informam que dois mil famintos originários do campo apreenderam um caminhão de café, consumiram a carga e exigiram que o motorista lhes comprasse rapadura e farinha para alimentar suas famílias. No Ceará, em Senador Pompeu, 500 flagelados entraram na cidade e reclamaram das autoridades que lhes fossem dados trabalho e alimentação. Mais de mil camponeses ocuparam a cidade de Mombaça e foram às casas de comércio para obter comida. Outra multidão de camponeses cercou o prédio da prefeitura de Quixadá e obrigou o prefeito a fornecer-lhes refeições. Notícias como essas aparecem nos jornais, tratando de ações dos flagelados em quase todos os Estados do Nordeste.

Até quando irá continuar o drama de nossos irmãos camponeses do Nordeste? Sem dúvida, não se pode negar que a sêca agrave a situação das famílias camponesas, em geral carentes de reservas de alimentos para enfrentar mesmo o retardamento das chuvas. Mas seria uma cegueira deixar de ver que os males da sêca de há muito teriam sido sanados se não existisse o sistema latifundiário e o govêrno que o favorece. O maior mal que atinge os camponeses nordestinos e os fazem padecer tantos sofrimentos está exatamente no latifúndio. Ao abater-se o flagelo da sêca sôbre os lavradores pobres e os trabalhadores do Nordeste, mais duro e voraz se apresenta o mal do latifúndio. Os latifundiários se aproveitam da sêca para comprar por preços de dez réis as terras que os pequenos proprietários tiveram que abandonar. Assim, através de compras ou de simples ocupação, os latifundiários vão aumentando suas terras à custa da grande massa camponesa. E água, só os latifundiários conseguem, porque possuem os açudes que o govêrno construiu com o dinheiro dos impostos que arrecadou.

Em consequência do latifúndio, nos períodos em que não há sêca, os salários se situam muito abaixo do que o govêrno classifica de mínimo. Com a sêca, os latifundiários aumentam a exploração, reduzem o número de trabalhadores e pagam salários ainda mais baixos. Atualmente, os que conseguem trabalho, percebem um salário de mil cruzeiros velhos por jornada. O mais grave, porém, é a falta de trabalho. Isto faz o quadro da miséria e da fome no Nordeste tornar-se mais terrível e assustador. Aumenta o êxodo rural, calculado nos períodos sem sêca, em mais de 200 mil anuais.

Os camponeses do Nordeste, que sempre demonstraram tenacidade, espírito de sacrifício e capacidade de luta contra as calamidades naturais e as injustiças, continuam batendo-se por seus direitos e para não sucumbir de fome. O dever dos comunistas é colocar-se audaz e decididamente à frente de

FAÇANHA HISTÓRICA

Por motivo do recente lançamento do primeiro satélite artificial da Terra realizado pela República Popular da China, o Comitê Central do Partido Comunista do Brasil enviou ao Comitê Central do Partido Comunista da China uma calorosa mensagem de felicitações. Eis o texto da Mensagem:

"Ao Presidente Mao Tsetung
Ao Vice-Presidente Lin Piao
e demais membros do Comitê Central do Partido Comunista da China

Prezados camaradas:

As massas populares e as fôrças progressistas e democráticas do Brasil receberam com alegria a notícia de que foi lançado com pleno sucesso, pela República Popular da China, um satélite artificial da Terra. Elas compreendem a significação do importante feito e compartilham do imenso júbilo que se apoderou do glorioso povo chinês e dos povos revolucionários de todo o mundo.

Essa é uma nova e histórica conquista da ciência e da técnica chinesas, a serviço do povo, da revolução, do socialismo e da paz em todo o mundo. Após ter quebrado o monopólio das armas nucleares mantido pelas superpotências — Estados Unidos e União Soviética — a República Popular da China, sob a direção do Partido Comunista da China e de seu sábio líder, o camarada Mao Tsetung, acaba de obter um espetacular triunfo. A colocação em órbita de um satélite artificial demonstra que os resultados das transformações iniciadas pela Revolução Chinesa e que atingiram um elevado nível com a Grande Revolução Cultural Proletária e o IX Congresso do Partido, prosseguem sem interrupção. Provam, de modo irrefutável e estrondoso, que as massas revolucionárias da China continuam a aplicar vitoriosamente a política proletária do Presidente Mao e se orientam decididamente pela bandeira vermelha do marxismo-leninismo, do pensamento de Mao Tsetung.

A mais recente façanha do povo chinês desfere um profundo golpe nas pretensões, na arrogância e na agressividade do imperialismo norte-americano e do social-imperialismo soviético, os quais mancomunaram suas fôrças para impor sua hegemonia mundial. Sempre julgaram que só êles podiam determinar o destino das nações. Jamais suportaram a idéia de que os povos viessem a decidir por si mesmos de seu futuro, nem de que fossem capazes de criar uma vida nova e feliz baseados em seus próprios esforços. Por isso, diante da proeza do povo chinês, foram tomados de surprêsa, reinando em seus arraiais o desconcêrto e o temor.

Simultâneamente, o lançamento do satélite da China Popular constitui um poderoso estímulo à luta dos povos por sua independência nacional, a democracia e o socialismo. Representa uma fonte de inspiração e de apoio para que se oponham ainda mais firmemente ao conluio soviético-norte-americano e combatam pela liquidação definitiva do imperialismo e de tôdas as formas de exploração e de opressão.

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, que sempre depositou ilimitada confiança na capacidade revolucionária do povo chinês e na liderança clarividente do camarada Mao Tsetung, saúda entusiàsticamente o êxito do lançamento do primeiro satélite artificial da República Popular da China, faz votos para que novos avanços sejam obtidos e está convencido de que tais vitórias contribuirão para impulsionar a luta do povo brasileiro, atualmente empenhado em sacudir o jugo do imperialismo norte-americano, derrubar a ditadura militar e conseguir um regime de liberdade, soberania e progresso social.

Rio de Janeiro, 27 de abril de 1970
O COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL".

-conclusão da página 3 -

na prática está interessado e alenta de fato a agressão ianque à Indochina e sonha com a extensão da guerra à China Popular. Em que pese o conluio soviético-norte-americano, ninguém poderá salvar o imperialismo ianque. Aumenta o isolamento internacional do govêrno Nixon e sua derrota é inevitável.

O povo brasileiro, vítima também da espoliação e do jugo do imperialismo ianque, acompanha com o maior interêsse a sorte dos povos da Indochi-

REVOLUCIONARIZAR O PARTIDO

GUANABARA (Do correspondente) - O documento do Comitê Central do PC do Brasil -"Responder ao Banditismo da Ditadura com a Intensificação das Lutas do Povo" encontrou cálida acolhida entre os comunistas da Guanabara. Produtivos debates se realizam nas diferentes organizações partidárias. Os marxistas-leninistas que desenvolvem sua atividade na antiga capital do país, preocupados com a revolucionarização da sua organização, travam intensa luta pela aplicação da linha do Partido e obtêm importantes êxitos. Consideram, no entanto, que ainda há muito que avançar para construir um autêntico partido revolucionário, estreitamente ligado às massas, principalmente à classe operária, capaz de conduzir com vigor e decisão as lutas do povo carioca contra a ditadura e o imperialismo norte-americano.

Em sua edição de março-abril do corrente ano, "O Isqueiro Proletário", órgão do Comitê Regional da Guanabara do PC do Brasil, publicou importante artigo - "Revolucionarizar o Partido" - no qual faz uma análise das condições favoráveis à luta revolucionária no Estado e que ainda não são suficientemente aproveitadas devido às debilidades da organização partidária.

O artigo de "O Isqueiro Proletário" constata que, apesar dos êxitos obtidos pelos comunistas na luta contra o revisionismo de direita e o liquidacionismo patrocinado pela teoria "foquista", "o Partido no Estado está longe de ser a organização necessária à justa aplicação da linha do CC na Guanabara. E a causa disto está no fato de termos paralisado nosso processo autocrítico, contrariando decisão expressa pela última Conferência Regional do Partido. Em consequência, ainda não nos livramos do reformismo. Em palavras e alguns atos importantes abandonamos as velhas concepções. A integração nas fileiras do PC do Brasil significou um salto qualitativo em nossa formação comunista. Mas isto não basta. Apenas estabelecemos a premissa para continuar a avançar. A paralização do processo autocrítico e da luta ideológica contra as velhas concepções e os velhos hábitos impediu que dêles nos livrássemos de modo consequente. E isto é o que está pesando sôbre o Partido no Estado, dificultando que assimilemos não só a letra, mas principalmente o conteúdo revolucionário da linha do CC. Assim é que, não obstante o progresso em algumas organizações partidárias, noutras continua predominando a posição de direita, a falta de espírito revolucionário, o burocratismo, a fraca confiança nas massas, a passividade e a baixa combatividade".

Justamente preocupados com a formação de uma vanguarda autênticamente revolucionária, os comunistas cariocas aprofundam seu processo autocrítico, procuram assimilar e aplicar a linha do Partido. E, para isso, consideram indispensável o combate sem tréguas às velhas e às novas concepções oportunistas, de direita e de esquerda, que ainda subsistem na organização partidária na Guanabara. Assinala o artigo do órgão do Comitê Regional, que ao travar a luta ideológica esta não foi até o fim e persistiram, nestas condições, não só velhas concepções oportunistas de direita, na forma anterior, como estas começaram a se manifestar de forma camuflada, encobertas por uma fraseologia de "esquerda". Sob o pretêxto de que "só a luta armada resolve" surgem falsas idéias, tais como a de que "se esgotaram as possibilidades do movimento de massas em face do terrorismo da ditadura"; "que o método de volante, do comício-relâmpago, das pinturas, etc., já não pode ser utilizado e não rende resultados", 'teorias' evidentemente destinadas a justificar a fuga ao trabalho junto às massas e a não realização da agitação e propaganda revolucionárias. Opiniões como as de que "é preciso aguardar condições favoráveis e que ação mais alta só é possível no campo", "só vou para o campo se as condições para a luta armada estiverem preparadas, se fôr para valer" ou "só vou para o campo se estiver informado de tudo", revelam como com palavras pretensamente de esquerda se encobrem posições oportunistas de direita, desprêzo pelo trabalho entre as massas camponesas. Os comunistas guanabarinos vêm criticando com firmeza o expontaneismo que se manifesta em militantes e organizações no tocante à preparação e desencadeamento da guerra popular.

Assim, os comunistas cariocas procuram superar as dificuldades que a luta apresenta e se empenham em criar uma forte organização partidária capaz de se colocar audazmente à frente das lutas populares que tendem a se ampliar cada vez mais e a se radicalizar. Combatendo firmemente a ditadura e o imperialismo, o povo da GB, sob a direção dos comunistas, dará, sem dúvida, sua contribuição à luta geral do povo brasileiro contra a opressão e a exploração

"VALE DO TERROR"

S. Paulo (Do correspondente) - Desde meados de abril p.passado, milhares de homens das Fôrças Armadas, com carros blindados, aviões e helicópteros estão esquadrinhando a região do Vale do Ribeira e aterrorizando sua população, em busca de guerrilheiros. A operação bélica se assemelha muito à que foi realizada na zona de Angra dos Reis, no Estado do Rio, em julho de 1969, pouco antes do afastamento de Costa e Silva do govêrno e da crise que então ocorreu.

As tropas da ditadura ocuparam de surprêsa as cidades e as estradas e se entregaram à prática das maiores arbitrariedades e violências contra os camponeses e inúmeros moradores da região. Prenderam diversas pessoas consideradas suspeitas de colaborar com as "guerrilhas" e os submeteram a severos interrogatórios, o que é sinônimo de torturas. Grupos de soldados invadiram barracos de camponeses e helicópteros e aviões realizavam vôos constantes por cima das áreas sob vigilância. Chegaram ao cúmulo de bombardear com napalm, durante vários dias, simples choupanas ou ranchos de camponeses e atirar de metralhadoras contra palmiteiros ou quem quer que se encontrasse nas matas. Há quem afirme terem sido mortos dois camponeses. Entretanto, os jornais e os rádios só podiam publicar o noticiário que lhes fôsse fornecido pelo chamado Serviço de Relações Públicas do Exército. O Vale do Ribeira passou a ser denominado o Vale do Terror. Tratava-se, segundo êsse noticiário, de uma verdadeira guerra para eliminar um foco guerrilheiro surgido numa região que o Conselho de Segurança Nacional considera perigosa.

Habitado por gente paupérrima, em sua maioria explorada, subnutrida e de escassas comunicações e estradas, coberto de florestas e recortado de montanhas, o Vale do Ribeira é efetivamente uma região marginalizada do progresso do qual se vangloriam as classes dominantes no Estado de S.Paulo. O govêrno Abreu Sodré comparou o Vale, em virtude de seu atraso e de sua analogia climática, com a Amazônia. É a Amazônia Paulista. Mas, longe de combater o latifúndio que lá predomina e ajudar efetivamente a arrancá-lo da decadência, só fêz demagogia e propaganda cara a respeito. Nenhum problema do Vale foi resolvido por Sodré.

Os militares no Poder logo classificaram o Vale do Ribeira, da mesma forma que a maior parte do território brasileiro, de populações pobres e abandonadas: zona prioritária de segurança nacional. E para lá, ao invés de reforma agrária e de ajuda, enviaram contingentes policiais para vasculhá-lo e "produzir ordem". E lá, hoje, estabeleceram milhares de soldados das fôrças da ditadura e um enxame de agentes policiais.

Até agora, após um mês de tropelias, ninguém no Vale do Ribeira conseguiu ver um só guerrilheiro. Não obstante, a desconfiança e o temor são generalizados, assim como fervilham os boatos, êstes quase sempre espalhados pelo comando militar. A princípio, o II Exército, ante a repercussão da aparatosa movimentação, ainda fornecia comunicados aos órgãos de divulgação. Disse, por exemplo, que desde novembro, as autoridades acompanhavam os passos de um grupo que se instalara numa fazenda do município de Jacupiranga, ao sul do Vale. Que êsse grupo fôra denunciado por um preso político, no Rio. Que resolvera destruir o "acampamento" e prender o grupo, mas que só encontrara restos de equipamentos, armas e os locais abandonados, pois os guerrilheiros haviam se internado nas matas. Êstes remanescentes estavam sendo perseguidos pelas tropas. Divulgou que centenas de pessoas detidas estavam sendo submetidas a uma triagem, que atingira também os moradores da região.

E quando se supunha, pela ausência de notícias, que a operação terminara sem nada de concreto ter apurado quanto à existência de guerrilheiros, o Exército ordenou o fechamento da BR-116, principal estrada que liga S.Paulo ao sul do país passando pelo Vale do Ribeira e cujo tráfego é intenso. Anunciou, ao mesmo tempo, a prisão de dois guerrilheiros altamente perigosos e a perseguição de outros. Transcorrida uma semana, o Exército levanta a interdição da BR-116 e novamente cai o silêncio sôbre a operação. Mas os guerrilheiros presos também não apareceram, até o momento. Esses os fatos, narrados objetivamente. O povo indaga quais as razões verdadeiras dessa mobilização de fôrças militares? E quanto custa ao povo tudo isso? Quem vai reparar os males causados, os prejuízos sofridos pelos habitantes da região? E até quando serão mantidos nos cárceres e martirizados os que foram detidos?

É preciso tirar lições dêsses fatos. Os camponeses e moradores do Vale do Ribeira, que almejam o progresso e aspiram a liberdade, serão naturalmente os primeiros a extrair conclusões adequadas dessa operação. Estão vendo,

AS VANTAGENS DO PODER

Nas Agências da Caixa Econômica Federal há cartazes indicando os novos limites de empréstimo para os funcionários públicos. Mas agora surgiu uma distinção: os funcionários civís têm um limite, ₢ 2.000,00; e os militares têm outro, ₢ 4.000,00. Pelo visto, o govêrno decidiu que os militares têm o dôbro dos direitos dos civís. Êsse pequeno fato é bem indicativo da condição de casta privilegiada adquirida pelos militares, principalmente após o golpe de 1964, que a malícia popular chama às vêzes de "dissídio coletivo armado" pelas vantagens materiais que trouxe aos seus autores.

A desambição, o desinterêsse e o desprendimento que os militares apregoam é um conto da carochinha. A ditadura cobra seu preço à Nação, na forma de privilégios para os que vestem farda. A sua curta história, além de ser a história do entreguismo desenfreado e da repressão brutal contra o povo, é também a história de uma corrida nunca vista às vantagens do Poder.

Essa corrida realiza-se sob várias formas. Uma delas, a mais visível e conhecida, é a ascensão de oficiais da ativa e da reserva a funções político-administrativas tradicionalmente ocupadas por civís. Entre os mais importantes cargos da cúpula da administração federal, 28 são ocupados atualmente por oficiais superiores das Fôrças Armadas. São todos cargos bem pagos que, além disto, possibilitam rendosas negociatas. As direções de certas emprêsas mistas, como o Lóide, a Costeira, a Rêde Ferroviária Federal, a Petrobrás, a Embratel (telecomunicações), etc., são particularmente disputadas. Compreende-se a razão: seus diretores percebem vancimentos e gratificações como nas emprêsas privadas, mais elevados do que os do serviço público. O IBRA tem à sua frente um general que, além disto, é fazendeiro. É a pessoa indicada, como se vê, para realizar a reforma agrária. O mesmo ocorre na SUDENE, SUDAM, etc. O Instituto Brasileiro do Açúcar e do Álcool também é dirigido por um general. Outro general preside o Conselho Nacional de Desportos e um capitão é o coordenador da seleção brasileira para a Copa do Mundo. Um capitão-médico é reitor da Universidade da Paraíba, enquanto um general preside o Instituto Sul-Riograndense da Carne. E assim por diante.

Cada militar conduzido a um cargo de chefia leva consigo um enxame de colegas de farda como auxiliares. A instituição dos afilhados (ou "peixinhos") entre os subordinados, é uma das mais antigas praxes nos quartéis. Nos cargos civís, a praxe não é esquecida. O coronel Passarinho, ministro da Educação, levou outro coronel para secretário-geral de seu ministério, além de vários outros oficiais menos categorizados. Todos os ministérios estão abarrotados de militares, que ocupam não só as denominadas seções de segurança, como inúmeros outros postos bem remunerados.

Nas administrações estaduais e municipais o fenômeno se repete. No govêrno do Ceará, por exemplo, 35 oficiais ocupam postos administrativos, inclusive a Secretaria da Fazenda. Na Guanabara, o secretário de Serviços Públicos é um general. O diretor de Trânsito é um capitão-de-fragata. A maioria esmagadora dos interventores municipais é composta de militares. Vários prefeitos também o são. A participação dos militares nos govêrnos estaduais vai aumentar. A ditadura já nomeou coronéis para governarem o Ceará e o Rio Grande do Sul. Em outros Estados há militares candidatos à "eleição".

É por isso que um cadete da Academia Militar das Agulhas Negras, entrevistado por uma revista a respeito dos motivos que o tinham levado a escolher a carreira militar, mencionou, como primeiro motivo, "a evidência em que ficou o Exército nos últimos anos." Ser militar é um bom negócio.

A conduta dos militares nos cargos públicos em nada se diferencia da forma de agir dos politiqueiros civís. A auto-promoção é uma constante. Não perdem oportunidade, e a buscam por todos os meios, de fazer declarações à imprensa, falar no rádio ou aparecer na televisão. A corrupção campeia (o caso mais famoso é o do coronel Andreazza, ministro dos Transportes). O filhotismo está sempre presente. Há apenas um acréscimo: a prepotência. Os militares consideram-se todo-poderosos, acima de qualquer fiscalização e das leis. São servís diante dos superiores e arrogantes com os pequenos funcionários.

Outra forma da corrida às vantagens pessoais manifesta-se no nôvo papel desempenhado pelos militares nos negócios privados. Há dois casos a considerar. O primeiro é o das emprêsas, geralmente nacionais, que dão cargos a militares para obter facilidades junto ao govêrno. Há hoje centenas de

O BANQUETE

No belo palácio, inaugurado naquele dia, foi servido o banquete. Sob as grandes luzes do imenso salão, entre sorrisos e gentilezas, 2.500 talheres começaram a ser movimentados. Eram elegantes armas com as quais os convivas deveriam tomar de assalto montanhas de iguarias. Montanhas é o têrmo exato. Os cronistas anotavam atentos as cifras. Dez toneladas de ingredientes tinham vindo de vários recantos do país e do exterior. Duzentas e cinquenta pessoas, trabalhando durante uma semana, em regime de três turnos, utilizando três grandes cozinhas, haviam manipulado essas dez toneladas e reduzindo-as à sua quintessência gastronômica. Eram as três toneladas de manjares requintados que iam agora para as mesas. Sabia-se que para os doces da sobremesa havia sido gasta meia tonelada de açúcar. Além dos vinhos e regrigerantes, tinha quarenta e cinco caixas de uisque e cinquenta de champanha. Tudo estrangeiro, claro.

O assalto a essas montanhas não seria, portanto, uma fácil emprêsa bélica. Por sorte, entre os convivas predominavam generais. E, também, alguns almirantes e brigadeiros. Eram êles os verdadeiros anfitriões. E mais: eram os donos da festa. Ou melhor: eram (ou pelo menos se consideravam) os donos do país. Sim, porque o cenário dêsse banquete não foi nenhum palácio do tempo do Império ou do Brasil Colônia. É um episódio recente e o local foi o Palácio do Itamarati, em Brasília. A festa foi em comemoração do 10º aniversário da cidade e de inauguração da nova sede do Ministério do Exterior. O custo do palácio foi de 30 bilhões de cruzeiros velhos. Uma ninharia, como se vê.

Essa orgia de ostentação e esbanjamento patrocinada pela nova casta privilegiada, a aristocracia dos galões, não deixou de ter a marca dos tempos. Um verdadeiro exército foi mobilizado para proteger a festa dos generais. Agentes do DOPS, do Departamento de Polícia Federal, da Secretaria de Segurança do Distrito Federal e do Serviço de Segurança da Presidência da República; soldados do Batalhão da Guarda Presidencial, do Batalhão da Polícia do Exército de Brasília, do 1º Regimento de Cavalaria de Guarda, da Polícia Militar do Distrito Federal, da Aeronáutica e do Corpo de Fuzileiros Navais e até um grupamento do Corpo de Bombeiros estavam a postos para garantir a tranquilidade dos figurões. Antes da chegada do ditador de serviço, Garrastazu, o edifício foi vistoriado por elementos do Instituto de Criminalística do DPF e da Polícia Técnica da Secretaria de Segurança do Distrito Federal. Entre mortos e feridos, salvaram-se todos, excluídas algumas ligeiras perturbações digestivas.

Enquanto ocorria essa manifestação de frugalidade do regime militar, milhares de nordestinos famintos assaltavam armazéns e caminhões em busca de farinha e rapadura. Na gaveta de Médici dormia o decreto do nôvo salário mínimo, que veio a ser, no seu maior valor, de ₢ 187,20, isto é, o necessário para qualquer trabalhador morrer decentemente de fome.

---

pando hoje cargos na administração pública. O capital desses militares-empresários é exatamente essas relações. Só por isto são convidados a ocupar cargos de direção nas emprêsas.

O outro caso, mais significativo, é o de militares integrados nas direções de emprêsas estrangeiras, principalmente norte-americanas. Nessa área, os antigos auxiliares de Castelo Branco ocupam lugar de destaque. O general Juracy Magalhães é presidente da "Deltec" (grupo Rockefeller) e da "Ericson". O general Golbery do Couto e Silva, fundador do Serviço Nacional de Informações e espião qualificado, é presidente da "Alcoa" (grupo "Dow Chemical" do truste Mellon). O Marechal Ademar de Queiroz, ex-ministro da Guerra, é o feliz presidente da "Bakol" (do "Mellon Trust"). Nêsses casos, o imperialismo está recompensando os serviços prestados por estes homens. Os dois generais mencionados foram ativos promotores do golpe de abril de 1964. O ex-ministro da Indústria e do Comércio do govêrno Costa e Silva, general Macedo Soares, é diretor da Mercedez Benz. Um almirante está à frente do estaleiro Ishikavajima que, diga-se de passagem, tem recebido grandes encomendas do govêrno. Inúmeros estaleiros particulares incluiram em suas diretorias oficiais da Marinha. A lista é longa e bem ilustrativa das estreitas relações entre a camarilha militar e o capital estrangeiro.

SALÁRIOS DE MISÉRIA

O nôvo salário mínimo decretado por Garrastazu é uma ofensa aos trabalhadores. O aumento foi apenas de 20%. O custo de vida, desde o reajustamento anterior, segundo cifras oficiais (inferiores à realidade), foi de cêrca de 30%. O govêrno alega que nas áreas mais desenvolvidas os trabalhadores ganham mais do que o mínimo. É uma mentira deslavada. Em S.Paulo, o número de operários recebendo o salário mínimo constitui 70% da mão de obra assalariada. Nos Estados mais atrasados os níveis de salário mínimo são mais baixos que os dos Estados mais desenvolvidos e, na maioria dos casos, o custo das utilidades é mais elevado. No interior, quase nenhum trabalhador recebe o salário mínimo. Para agravar a situação, o nôvo decreto da ditadura congela os valores do salário mínimo por três anos.

A ditadura militar, confiante na fôrça das suas armas, prossegue, assim, na política de esfomeamento da classe operária. O salário real diminuiu vertiginosamente desde 1964. Em 1965, um trabalhador, para comprar 1 quilo de pão, precisava de 1 hora e 18 minutos de trabalho. Em 1969 necessitou de 2 horas e 27 minutos. Em carta-aberta ao ministro do Trabalho, os metalúrgicos de S.Paulo demonstram: "Entre 1965 e 1970, os alimentos básicos subiram numa média de 560%, ao passo que o salário mínimo subiu apenas 370%. Houve, portanto, um desgaste de 190% no poder aquisitivo de genêros alimentícios para os trabalhadores mais pobres da nação". "Podemos afirmar - prossegue a Carta - que, em 5 anos, <u>os trabalhadores não tiveram nenhum aumento salarial</u>". Enquanto isso, cresceram sem cessar os lucros dos empresários.

A ofensa da ditadura é tanto maior quando se sabe que está sendo discutido no Parlamento (e por certo será aprovado) um substancial aumento de vencimentos para o Presidente e o Vice-Presidente da República. O primeiro passará a ganhar 8 mil cruzeiros, mais 2 mil cruzeiros de representação, enquanto o segundo abiscoitará dos cofres públicos um vencimento de 6 mil cruzeiros mais 1 mil de representação. E, note-se, êsses dois sinistros personagens têm tôdas as suas despesas pagas pelo dinheiro dos contribuintes.

A ditadura equivoca-se quando pensa que a classe operária permanecerá de braços cruzados diante do rebaixamento do seu salário real, ao qual se junta um crescente desemprêgo. O proletariado brasileiro lutará por seus direitos e reivindicações. E nenhuma repressão o deterá.

- Um fato que não é muito nôvo -

Está em circulação, legalmente, um semanário intitulado "Fato Nôvo". Apresenta-se como nacionalista, contrário à oligarquia, à política entreguista de Roberto Campos e faz ampla propaganda das ditaduras militares do Perú e da Bolívia. Ao mesmo tempo, aprecia o govêrno Garrastazu como se representasse alguma coisa de nacionalista e anti-oligárquico.

Um ditado popular ensina que "pelo dedo se conhece o gigante". A um leitor que perguntou por carta se o jornal fazia o jôgo do govêrno, a redação respondeu que fazia o "jôgo da verdade". O diabo é que esta expressão foi exatamente a que Garrastazu utilizou num dos seus primeiros pronunciamentos para definir sua política. Sabe-se em que consiste a "verdade" de Garrastazu: entreguismo desbragado, violências inomináveis contra o povo, cinismo sem paralelo na história do país. Exalta o bem-estar do povo, mas a verdade reside na elevação sem cessar do custo de vida e na piora da assistência social que os próprios trabalhadores custeiam. Canta lôas à liberdade, mas a verdade é que manda encarcerar número sempre maior de cidadãos pelo único crime de opor-se aos desmandos dos militares, chegando ao despudor de negar a existência de torturas e até de presos políticos. Êsse é o "jôgo da verdade" que Fato Nôvo defende?

O nôvo semanário formulou mais ou menos claramente seu objetivo. Aparece como porta-voz de militares reacionários do tipo de Albuquerque Lima e Sílvio Heck e de grupos que manifestam certas contradições com a ditadura em tôrno da melhor forma de continuar dominando o país. Tenta, com seu linguajar empolado, obter apoio popular, o que não foi conseguido pelos generais que atualmente detêm o Poder. Advoga, como solução, um govêrno militar, executor de uma política pretensamente nacionalista, que tenha como paradigma os militares peruanos e bolivianos. Enfim, uma ditadura militar melhorada, polida, livre das arestas que os "grossos" atuais não conseguem corrigir.